



AS/COA
HEALTHCARE SERIES

APÓS A PANDEMIA

**considerações para a prevenção e o tratamento
da COVID-19 na América Latina e no Caribe**



SÉRIE DE SAÚDE DA AS/COA

A Série de Saúde da AS/COA examina os principais desafios e as crescentes oportunidades na saúde na América Latina. A agenda de saúde abrange uma diversidade de tópicos, como fármacos, alimentos e bebidas, aparelhos médicos, vida saudável e bem-estar, tecnologia, financiamento e seguros. O objetivo da Série é promover a cooperação entre os setores público e privado, ampliar a conscientização sobre tecnologias e inovações médicas, incentivar a harmonização e colaboração regulatória e trocar melhores práticas no financiamento da saúde.

À medida que os países superaram a pandemia da COVID-19, a série passou a concentrar-se na sustentabilidade dos sistemas de saúde, na importância da inovação e saúde digital para o atendimento equitativo e eficiente, assim como na necessidade de focar novamente questões negligenciadas durante a pandemia, como saúde mental, triagem e DNTs.

A série oferece uma plataforma para os membros empresariais do COA interagirem com as principais partes interessadas sobre as melhores práticas para atender à demanda crescente por acesso a saúde de qualidade e criar soluções inovadoras que promovam inclusão, competitividade e desenvolvimento econômico regional. A Série de Saúde é copresidida por Hugo Villegas, da Medtronic, e Felicia Knaul, da Universidade de Miami

Acompanhe a conversa no Twitter: #HealthcareASCOA | @ASCOA

Março de 2023

Este relatório foi elaborado por Maria de Lourdes Despradel, Associada Sênior de Programas do Conselho das Américas, com base em uma série de mesas redondas patrocinadas pelo Conselho. As conclusões do relatório não refletem necessariamente as opiniões de todos os participantes das mesas redondas. O Conselho expressa a sua gratidão aos especialistas pela sua participação e aos patrocinadores da Série de Saúde pelo seu apoio. Agradecemos especialmente a Liah Gruppelaar Caro e Patrízia Troccoli, Estagiários do COA pela sua assistência com o relatório.

Images: Adobe Stock

APRESENTAÇÃO

O Conselho das Américas, como parte da sua Série de Saúde, organizou quatro mesas redondas sobre o tema **“Após a pandemia: Considerações para a prevenção e o tratamento da COVID-19 na América Latina e no Caribe”**. Esta série de mesas redondas concentrou-se no desenvolvimento de soluções relativas à COVID-19 e preparativos para pandemias futuras.

Com base nessas discussões, este relatório destaca os principais desafios e crescentes oportunidades para consideração, procurando alinhar as iniciativas do setor privado com as metas nacionais de saúde pública. As contribuições dos participantes das mesas redondas – acadêmicos, médicos, autoridades governamentais e as vozes dos pacientes – foram reunidas para apresentar um panorama de alto nível para incentivar os governos regionais a considerar as recomendações compartilhadas nesses painéis, identificar as lições aprendidas e melhorar a coordenação para responder a pandemias futuras.

O relatório adota como ponto inicial a importância de avaliar as conclusões dos três anos de resposta à pandemia da COVID-19 e a necessidade de clareza sobre os desafios que governos e o sistema internacional de saúde enfrentam para manter uma resposta adequada às ameaças atuais da COVID-19, assim como preparar-se para a próxima pandemia, que os especialistas têm como certa. Embora seja impossível prever quando a próxima pandemia ocorrerá, os países devem estar preparados. Analisando a resposta à pandemia da COVID-19 e avaliando as lições aprendidas, este relatório oferece recomendações às autoridades para proteger os cidadãos.



Os participantes dessas mesas redondas concordaram que os países da região não podem simplesmente readotar uma abordagem pré-COVID-19. As estratégias que tiveram êxito durante a pandemia devem ser mantidas. Mesmo com o esvaecimento da percepção de risco da COVID-19, os governos devem continuar a dar prioridade à saúde da população, cientes de que as consequências da falta de atenção ultrapassam em muito a saúde, afetando o bem-estar econômico, social, educacional e mental das pessoas.

Os participantes concordaram que os governos devem aproveitar a oportunidade criada pela pandemia da COVID-19 para repensar as suas estratégias de saúde pública. A prontidão para enfrentar pandemias começa no nível nacional, e o elemento mais importante de uma resposta eficaz do governo a surtos de doenças é um sistema de saúde sólido e resiliente. Ao mesmo tempo, está claro que a COVID-19 não deixou de ser uma preocupação significativa de saúde pública e que os países devem aceitar o desafio de assegurar o acesso a vacinas e tratamentos contra a COVID-19, assim como manter taxas elevadas de vacinação das populações, integrando a vacina contra a COVID-19 aos calendários de vacinação de rotina. Em termos mais gerais, os governos devem desenvolver mecanismos de coordenação de setores e atores, assim como elaborar planos melhores para lidar com surtos futuros com mais eficácia.

Em termos gerais, os panelistas enfocaram quatro áreas de resposta a pandemias que precisarão de uma atenção contínua para que a prevenção e o tratamento da COVID-19 continuem a ter êxito e para assegurar o sucesso da resposta a emergências sanitárias futuras. Em primeiro lugar, a comunicação foi e continua a ser um elemento central para a receptividade do público em relação à prevenção e ao tratamento da COVID-19, com um enfoque especial em equipar os profissionais de saúde. Em segundo lugar, o financiamento da saúde em geral, e de vacinas e tratamentos para a COVID-19 no futuro, é essencial para que os sistemas continuem estáveis e capazes de oferecer o tratamento necessário. Em terceiro lugar, em nível nacional e internacional, é importante criar e sustentar sistemas de colaboração entre governos e instituições para assegurar a troca de lições aprendidas e a acessibilidade contínua de informações. Finalmente, na nova era pós-pandemia da COVID-19, será igualmente importante manter e ampliar as opções de tratamento para as populações vulneráveis e trabalhar na prevenção da doença. No conjunto, o enfoque nessas quatro áreas ajudará a assegurar que a COVID-19 continue a ser uma ameaça controlável e a preparar-nos para a próxima pandemia.

GOSTARÍAMOS DE AGRADECER AOS PARTICIPANTES DA MESA REDONDA:

- **Gabriela Abalos**, Chefe Médica Regional de Vacinas, Pfizer Inc.
- **Alejandro Alarcón López**, Coordenador de Programas Médicos, Instituto Mexicano de Seguridad Social (IMSS)
- **Carlos Arturo Álvarez Moreno**, Vice-Presidente de Ciência e Inovação, Clínica Colsanitas
- **Gabriel Battistella**, Sub-Secretário de Atendimento Primário, Ambulatório e Comunitário, Ministério da Saúde do Governo da Cidade de Buenos Aires
- **Florencia Braga**, Diretora Geral de Projetos, Aliança Argentina de Pacientes (ALAPA)
- **Andres Caicedo**, Chefe de Relações Públicas sobre Vacinas, LATAM, Sanofi
- **Pilar Collantes**, Presidente, Voces Ciudadanas
- **Julio Croda**, Especialista, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
- **Ana Dantas**, Especialista Científica em Vacinas mRNA, América Latina, Pfizer Inc.
- **Elizabeth Fox**, Diretora de Liderança Técnica, Fundação Pan-Americana de Desenvolvimento (PADF)
- **Danielle Gillerin**, Oficial de Divulgação de Saúde, Escritório de Saúde e Biodefesa Internacional (OES), Departamento de Estado dos EUA
- **John Gorkowski**, Chefe da Equipe de Segurança Sanitária Global, Escritório de Saúde e Biodefesa Internacional (OES), Departamento de Estado dos EUA
- **Jorge Kalil**, Professor Titular de Imunologia Clínica e Alergia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
- **Renato Kfoury**, Primeiro Secretário, Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm)
- **Elkin Lemos**, Especialista Médico-Científico Regional, Pfizer Inc.
- **Steve Liston**, Diretor Sênior, Conselho das Américas (Moderador)
- **Fernando Llorca Castro**, Ex-Embaixador da Costa Rica nos Estados Unidos e Ex-Ministro da Saúde da Costa Rica
- **Santiago March**, Coordenador de Novas Tecnologias, Fundação Mexicana para a Saúde (FUNSALUD)
- **Aakash Mopal**, Economista Sênior, América Latina, Prática Global de Saúde, Nutrição e População (HNP), Banco Mundial
- **Alexandre Naime Barbosa**, Vice-Presidente, Sociedade Brasileira de Infectologia
- **José Miguel Oñate**, Infectologista, Centro Médico Imbanaco
- **José Carlos Prado Júnior**, Médico, Hospital Sírio-Libanês
- **Shahida Rasul**, Diretora Sênior de Marketing e Acesso a Vacinas mRNA, Pfizer Inc.
- **Juan Pablo Torres**, Professor Associado, Universidade do Chile
- **Cesar Ugarte-Gil**, Professor Assistente, Universidade Peruana Cayetano Heredia
- **Hector Villareal**, Professor Pesquisador, Instituto Tecnológico e de Estudos Superiores de Monterrey

OBSERVAÇÕES

A pandemia da COVID-19 causou uma devastação inédita na América Latina e no Caribe. Os panelistas observaram que, além de exacerbar as profundas desigualdades sociais e econômicas, a pandemia fragilizou ainda mais os sistemas de saúde já fragmentados, expondo até que ponto muitos países estavam despreparados para enfrentar uma crise dessa magnitude. Quando a COVID-19 chegou à América Latina e ao Caribe, a maioria dos países da região não tinha um sistema de saúde com capacidade para responder com eficácia ou eficiência, por falta de infraestruturas críticas. Paralelamente, quando os serviços de saúde ficaram sobrecarregados com a demanda maciça de pacientes com COVID-19, o tratamento de doenças não transmissíveis (DNTs) ficou negligenciado, o que, no longo prazo, imprimiu um ônus financeiro mais elevado para o sistema.

À medida que se alastrava a COVID-19, muitos governos tiveram de direcionar uma grande porcentagem dos seus recursos para lidar com a pandemia, já que o seu espaço para expansão fiscal já estava muito limitado. Para responder aos efeitos da pandemia, os governos empregaram ferramentas fiscais e monetárias, inclusive pacotes fiscais volumosos para apoiar as despesas adicionais na saúde, o que deflagrou um aumento dos níveis de endividamento em praticamente todos os países da região.¹ Não obstante essas medidas, a pandemia teve um impacto social enorme em termos de desigualdade e níveis de pobreza, após vários anos de avanços modestos dos indicadores sociais. Esses efeitos sociais revelaram claramente os custos da falta de investimentos em infraestrutura e a insuficiência da proteção social do sistema em geral.

Os panelistas enfatizaram repetidamente que as avaliações dos efeitos políticos, econômicos e sociais da COVID-19 demonstraram amplamente que a pandemia foi bem além de uma crise sanitária. Por esse motivo, é importante que os governos analisem as implicações mais amplas das crises sanitárias para a segurança nacional, pois é improvável que a COVID-19 seja o último evento do tipo. A pandemia não apenas ameaçou o bem-estar da nação, como também impôs novos desafios estratégicos: Em primeiro lugar, surgiram crises financeiras e recessões, que exacerbaram a instabilidade política, sobretudo quando os cidadãos sentiram que o seu governo falhara com a má administração da pandemia. O descontentamento com o desempenho do governo ficou evidente nas eleições subsequentes. Ademais, a pandemia reduziu a confiança dos cidadãos nos sistemas de saúde, particularmente em virtude da comunicação confusa sobre ordens e, em alguns casos, de ataques de políticos e da imprensa contra a credibilidade das autoridades sanitárias à frente das

¹ “A pandemia provoca aumento nos níveis de endividamento dos países da região e coloca em perigo a reconstrução sustentável e com igualdade.” Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), 11 de março de 2021. <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pandemia-provoca-aumento-niveis-endividamento-paises-regiao-coloca-perigo-reconstrucao>.

respostas. A COVID-19 prejudicou as cadeias globais de suprimento, revelando as vulnerabilidades do sistema e afetando a segurança econômica. Finalmente, os efeitos de longo prazo na educação, na saúde mental e no bem-estar social da próxima geração só agora estão sendo revelados.

THE CENTRALITY OF MESSAGING

Logo após o surgimento da COVID-19, deu-se início a uma iniciativa global sem precedentes para desenvolver e mobilizar vacinas seguras e eficazes para reduzir o impacto sanitário e socioeconômico da pandemia. Em dezembro de 2020, havia mais de 270 projetos de pesquisa e desenvolvimento no mundo inteiro visando encontrar uma vacina, sendo que mais de 60 vacinas estavam sendo testadas em seres humanos e oito vacinas haviam sido aprovadas para uso irrestrito ou limitado em vários países, como Canadá, China, Cingapura, Estados Unidos, Reino Unido e Rússia.² A colaboração transnacional e transorganizacional entre a comunidade científica e a indústria farmacêutica, com o apoio de vários governos, permitiu a atribuição eficiente de recursos para o desenvolvimento de vacinas eficazes e seguras, de forma tempestiva, permitindo que a primeira vacina contra a COVID-19 recebesse autorização para uso emergencial menos de um ano após o surto.^{3 4} A vacina visava reduzir a morbidade e mortalidade da doença e, como resultado, evitou a implementação de medidas de controle e os respectivos custos econômicos, políticos e sociais.

Países no mundo inteiro empreenderam campanhas de vacinação contra a COVID-19 em um esforço permanente para vacinar grandes números de pessoas para assegurar a proteção contra a doença. A consecução da distribuição, da acessibilidade, do acesso e da aceitação da vacina e a manutenção de taxas elevadas de vacinação continuam a ser desafios centrais para a região. Não obstante a ampla disponibilidade de vacinas eficazes contra a COVID-19, muitas pessoas ainda hesitam em ser vacinadas, o que tem prejudicado o sucesso dos programas de imunização dos países. A hesitação vacinal decorre da falta de conhecimento e confiança nos benefícios da vacinação ou do excesso de confiança das pessoas na sua própria capacidade de evitar a doença.⁵ A Organização Mundial da Saúde identificou a hesitação vacinal como uma das 10 maiores ameaças à saúde pública, ressaltando a necessidade de

2 Ferranna, Maddalena, J. P. Sevilla, e David E. Bloom. *Addressing the COVID-19 pandemic: Comparing alternative value frameworks*. No. w28601. National Bureau of Economic Research, 2021.

3 Pecetta, Simone, Daniel Tortorice, Francesco Berlanda Scorza, Mariagrazia Pizza, Gordon Dougan, Richard Hatchett, Steve Black, David E. Bloom, e Rino Rappuoli. "The trillion dollar vaccine gap." *Science Translational Medicine* 14, no. 638 (2022): eabn4342.

4 Sallam, Malik. "COVID-19 vaccine hesitancy worldwide: a concise systematic review of vaccine acceptance rates." *Vaccines* 9, no. 2 (2021): 160.

5 Trogen, Brit, e Liise-anne Pirofski. "Understanding vaccine hesitancy in COVID-19." *Med* 2, no. 5 (2021): 498-501.

estudar, compreender e enfrentar esse conceito.⁶ As preocupações do público em relação a vacinas não começaram com a COVID-19; contudo, as redes sociais aumentaram a ansiedade sobre a segurança das vacinas e a sua regulamentação.⁷ A assim chamada “infodemia” – uma onda de informações errôneas e notícias falsas, transmitidas principalmente por redes sociais e pela Internet – tornou-se uma ameaça à administração da pandemia em geral e para as campanhas de vacinação em particular.⁸ Rumores falsos têm sido amplamente divulgados na região, comprometendo a aceitação desta intervenção de saúde pública. Atualmente, muitos países do mundo estão tendo dificuldades para aumentar a confiança e o entusiasmo do público para tomar a vacina, sobretudo em um ambiente complicado e de ansiedade.

Os participantes dos nossos painéis concordaram que os profissionais e as autoridades da saúde não compreenderam a heterogeneidade dessa mensagem e elaborar estratégias exitosas para conquistar a confiança da população. Nos estágios iniciais da pandemia, quando as vacinas começaram a ser disponibilizadas ao público, as autoridades sanitárias não conseguiram explicar adequadamente que as vacinas não preveniam a transmissão da doença e que haviam sido desenvolvidas para evitar a infecção mais intensa, a hospitalização e a morte. Além da falta de uma comunicação mais eficaz, houve uma disseminação ampla nas redes sociais de informações falsas sobre o uso da vacinação, que prejudicou muito a aceitação das vacinas contra a COVID-19. Posteriormente, o surgimento de novas variantes levou ao lançamento de vacinas de reforço, mas a reação do público foi lenta, e o ceticismo aumentou. Há que se observar que dados recentes indicam uma atitude negativa em relação às doses de reforço, mesmo entre as pessoas que inicialmente tomaram a primeira rodada de vacinas contra a COVID-19.⁹ No decorrer do tempo, a redução dos casos de COVID-19 gerou complacência e a impressão de que a necessidade de vacinação diminuiu, a despeito das evidências de que a transmissão, a enfermidade e as mortes continuam, criando a percepção entre as pessoas de que a COVID-19 deixou de ser uma ameaça à sua saúde.¹⁰

Em relação à promoção das vacinas contra a COVID-19, os participantes das mesas redondas enfatizaram a necessidade essencial de desenvolver a confiança da população. Isto começa com os profissionais de saúde, que são regularmente

6 “Ten Threats to Global Health in 2019.” Organização Mundial da Saúde, n.d. <https://www.who.int/news-room/spotlight/ten-threats-to-global-health-in-2019>.

7 Kumar, Mohan, e V. L. Surya. “Hesitancy for COVID-19 Vaccines and Its Implications for Routine Immunisation.” Em *COVID-19 Vaccines-Current State and Perspectives*. IntechOpen, 2022.

8 Dreser, Anahí. “Retos y avances en la vacunación contra COVID-19 en Latinoamérica y el Caribe.” *Revista de la Universidad Industrial de Santander. Salud* 53 (2021).

9 Noh, Yunha, Ju Hwan Kim, Dongwon Yoon, Young June Choe, Seung-Ah Choe, Jaehun Jung, Sang-Won Lee, e Ju-Young Shin. “Predictors of COVID-19 booster vaccine hesitancy among fully vaccinated adults in Korea: a nationwide cross-sectional survey.” *Epidemiology and Health* 44 (2022): e2022061.

10 Trogen, Brit, e Liise-anne Pirofski. “Understanding vaccine hesitancy in COVID-19.” *Med* 2, no. 5 (2021): 498-501.

identificados como a fonte mais confiável de informações sobre vacinas. Com frequência, participantes com hesitação vacinal iniciam um diálogo com os profissionais de saúde para expressar as suas preocupações e obter respostas. Durante a pandemia, alguns profissionais de saúde da região aderiram aos grupos opostos a vacinas e tecnologia, por falta de educação e compreensão da doença e da vacina. Alguns médicos e profissionais de cuidado primário não tinham grande entendimento dos objetivos dos planos de vacinação e não puderam educar a população nem ajudar a promover as metas das campanhas. Muitos profissionais de saúde careciam das aptidões necessárias para comunicar-se de forma eficaz com o público em geral. No conjunto, essas deficiências dos profissionais de saúde instigaram a falta de confiança geral nos sistemas de saúde, um problema que foi agravado pela comunicação inadequada do governo sobre a pandemia. Embora os países estejam superando a pandemia, persistem os danos à confiança do público nos sistemas de saúde. De fato, foi relativamente fácil perder a confiança no sistema de saúde, mas recuperá-la poderá levar anos.

Para enfrentar esses desafios:

- **Educação sobre vacinas:** Dada a necessidade atual de vacinas contra a COVID-19 e visto que a comunicação sobre a saúde pública é essencial para desenvolver a confiança do público nas vacinas, os participantes das mesas redondas concordaram que governos, profissionais de saúde e instituições devem trabalhar juntos para disseminar mensagens tempestivas e claras por meio de canais de confiança, defendendo a segurança e eficácia das vacinas atualmente disponíveis contra a COVID-19. Como esses agentes devem estar na linha de frente das iniciativas de combate à hesitação em relação à vacina contra a COVID-19, também precisam de informações constantes sobre o avanço da doença para que possam disseminar uma mensagem clara. Os governos precisam investir em iniciativas constantes de engajamento do público para avaliar o nível de educação vacinal e responder às preocupações.
- **Doses de reforço:** Alguns pacientes consideram desnecessárias as doses de reforço e veem mais riscos do que benefícios nas doses adicionais. Para ampliar a vacinação contra a COVID-19, sobretudo as doses de reforço, é importante que o público compreenda que não apenas reforçam as vacinas que os pacientes já tomaram, mas também protegem as variantes mais recentes da COVID-19 e ajudam a manter uma resistência forte contra o vírus. As estratégias e os programas de comunicação de saúde devem concentrar-se em reduzir as preocupações acerca das vacinas de reforço contra a COVID-19, em relação, por exemplo, a segurança, eficácia e efeitos colaterais.

Finalmente, vários participantes observaram a importância de os países da região incluírem a vacina contra a COVID-19 nos calendários de vacinação de rotina para simplificar e padronizar o processo e assegurar mais proteção para a população.

A IMPORTÂNCIA DO FINANCIAMENTO

Um dos principais desafios da pandemia da COVID-19 tem sido assegurar o financiamento necessário para estruturar e manter uma resposta adequada. A distribuição equitativa da vacina contra a COVID-19 é uma prioridade crítica para por fim à pandemia. Enquanto a região começa a focar a fase pós-pandêmica da resposta à COVID-19 e prepara-se para pandemias futuras, os painelistas ressaltaram repetidamente a importância de analisar a amplitude dos desafios de financiamento na região e como os setores público, privado e multilateral podem trabalhar em conjunto para sustentar o financiamento que será necessário para os sistemas de saúde.

Antes da identificação dos primeiros casos de COVID-19, os sistemas de saúde da região já estavam subfinanciados e altamente fragmentados, o que aumentou a vulnerabilidade da região à pandemia. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)¹¹ recomenda que os governos na América Latina e no Caribe invistam pelo menos 6% do PIB na saúde; contudo, apenas Cuba e o Uruguai alcançaram esse patamar. Atualmente, há uma grande discrepância entre a infraestrutura de saúde disponível na região e o nível efetivamente necessário.

Quando a pandemia eclodiu, os países da região não tinham o espaço fiscal para responder, resultando no financiamento insuficiente para sustentar uma estratégia coordenada. Após a chegada das vacinas, a região enfrentou o desafio da sua distribuição equitativa. A ausência de uma abordagem abrangente para assegurar e sustentar o acesso a vacinas contra a COVID-19 nos países em desenvolvimento retardou a recuperação global. Mecanismos como o COVAX incontestavelmente ajudaram a levar as vacinas a países que, de outra forma, não teriam a capacidade de comprá-las, mas ficaram aquém das promessas feitas aos países da América Latina e do Caribe.

Quando as vacinas chegaram, muitos países já estavam altamente endividados. Além disso, as interrupções relacionadas com a pandemia foram agravadas por outras questões exógenas, como a guerra na Ucrânia, que causaram distúrbios nos mercados de alimentos e energia. Com o declínio da percepção de risco da pandemia, o

11 “CEPAL e OPAS: Controlar a pandemia requer convergência e coordenação entre as políticas de saúde, econômicas, sociais e produtivas.” OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde, 30 de julho de 2020. <https://www.paho.org/pt/noticias/30-7-2020-cepal-e-opas-controlar-pandemia-requer-convergencia-e-coordenacao-entre>.

resultado tem sido que os governos do mundo inteiro começaram a dotar recursos dos seus orçamentos para outras prioridades, que não vacinas e tratamentos para a COVID-19. Muitos participantes das mesas redondas enfatizaram que os setores privado e multilateral têm o desafio de trabalhar com os governos para encontrar soluções práticas para aumentar a flexibilidade dos orçamentos para financiar imunizações sem sacrificar as necessidades correntes dos sistemas de saúde.

Para enfrentar esses desafios:

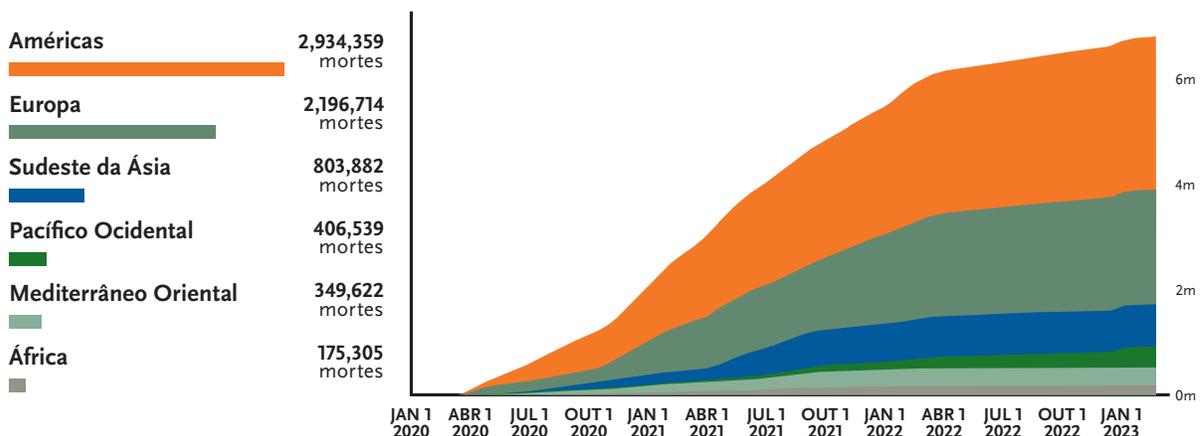
- À medida que os países adentram um novo contexto pós-pandêmico de prevenção e tratamento da COVID-19, e com a inclusão das vacinas contra a COVID-19 nos calendários de vacinação de rotina, os países deverão começar a considerar o financiamento sustentável das imunizações no âmbito geral do financiamento da saúde. Há uma oportunidade de usar mecanismos inovadores para financiar as vacinas contra a COVID-19, sobretudo a tributação para a saúde, obrigações para financiamento de vacinas e compromissos antecipados de mercado.
- Os países da região devem repensar o financiamento da saúde, particularmente em áreas críticas de doenças não transmissíveis, assim como preparação e prevenção de pandemia. As estruturas de financiamento devem ser usadas para viabilizar o financiamento procíclico nos períodos favoráveis e contracíclico nos períodos difíceis.
- São necessários mecanismos para assegurar a acessibilidade e o financiamento sustentável de vacinas contra a COVID-19 nos países de renda baixa e média. Para tanto, é crucial que os governos coordenem as políticas de saúde com as econômicas, sociais e produtivas.

A NECESSIDADE CRÍTICA DE COLABORAÇÃO ENTRE GOVERNOS E INSTITUIÇÕES

Em meio à pandemia da COVID-19, muitos especialistas refletiram sobre uma crise sanitária anterior, a pandemia da gripe de 1918. Nesse período, muitos profissionais médicos e científicos procuraram desesperadamente, mas sem êxito, desenvolver uma vacina eficaz. Após essa experiência, surgiram iniciativas robustas de conscientização sobre a eficácia das vacinas e de outros tratamentos farmacológicos para controlar a propagação de doenças. Com os conhecimentos médicos modernos, quando foram identificados os primeiros casos de COVID-19, foi possível desenvolver

vacinas com rapidez, graças ao volume maciço de décadas de pesquisas e inovações científicas. Outra lição importante aprendida com a pandemia de 1918 foi a necessidade de comunicação e cooperação para desacelerar a propagação da doença. Contudo, a resposta inicial à COVID-19 na região apresentou deficiência em cooperação e coordenação.

Os especialistas dos painéis observaram que muitos governos tiveram dificuldade para organizar uma resposta eficaz à pandemia em decorrência da fragmentação interna dos sistemas públicos e entre estes. A administração descentralizada das crises regionais e a falta de coordenação e colaboração entre órgãos e instituições do governo na formulação de políticas de contenção produziram resultados devastadores na saúde e causaram consequências significativas em outros setores. Em termos gerais, a resposta regional inicial à pandemia foi inadequada e ultrapassada, pois alguns governos não coordenaram as suas decisões, fragilizando a administração da crise e resultando na perda de muitas vidas que poderiam ter sido salvas. Em virtude do nível de incerteza e complexidade, a pandemia da COVID-19 exigia ações imediatas dos governos e uma resposta sofisticada e altamente organizada que incluísse contribuições e conhecimentos de múltiplos intervenientes de diferentes setores. Esse tipo de colaboração permite que os governos combinem recursos, conhecimentos e experiências de diferentes níveis e áreas, e incentiva o trabalho conjunto dos órgãos, de formas inovadoras, para enfrentar um problema comum.¹²



Para enfrentar esses desafios:

Em termos gerais, há uma necessidade de liderança internacional no sentido de coletar as lições aprendidas pelos países e as diferentes partes, sistematizar a resposta, assegurar financiamento adequado e prevenir ações prejudiciais de curto prazo. As

12 Cyr, Jennifer, Matías Bianchi, Lucas González, e Antonella Perini. "Governing a pandemic: Assessing the role of collaboration on Latin American responses to the COVID-19 crisis." *Journal of Politics in Latin America* 13, no. 3 (2021): 290-327.

autoridades internacionais devem trabalhar juntas para criar repositórios de experiências, para que governos e instituições de diferentes países possam trocar informações.

- No futuro, a liderança regional deve coletar as lições aprendidas pelos países e as diferentes partes, sistematizar a resposta, assegurar financiamento adequado e prevenir ações prejudiciais de curto prazo.
- Em nível nacional, os países devem criar grupos de trabalho que abranjam múltiplas disciplinas e múltiplos ministérios para coletar as lições aprendidas e assegurar uma coordenação melhor no futuro, tendo em vista a prevenção das piores consequências sanitárias, econômicas e sociais de pandemias futuras.
- É preciso haver mais colaboração entre os ministérios das finanças e da saúde. Particularmente, os ministérios da saúde têm de começar a pensar sobre outras questões de concepção e financiamento.
- Os protocolos desenvolvidos durante a pandemia devem ser transferidos e adotados em respostas a outros problemas médicos.

Em contraste, as abordagens coordenadas à administração da crise receberam elogios pelas suas ações uniformes, que foram essenciais para conter o vírus. Os participantes das mesas redondas compartilharam melhores práticas que foram posteriormente desenvolvidas em alguns países da região, merecendo análises para extrapolar para outros países e setores.

ARGENTINA

Em alguns países da região, os setores compartilharam estratégias e, pela primeira vez, os ministérios da saúde desempenharam um papel crucial. Por exemplo, o Ministério da Saúde da Argentina foi a entidade responsável por consolidar uma estratégia de resposta e disseminá-la para outros sub-setores do governo. Essa colaboração transsetorial foi muito útil para estabelecer uma resposta coordenada e integrada à pandemia. O país também incluiu organizações locais, organizações sem fins lucrativos e partidos políticos, entre outras entidades, em uma estratégia de resposta à pandemia, que produziu uma interação muito positiva.

COLÔMBIA

Outro caso que demonstrou a colaboração positiva entre setores ocorreu na Colômbia. As sociedades científicas colombianas formaram parcerias para desenvolver um guia de gestão para que os médicos possam otimizar e padronizar a resposta à doença. Entre os documentos produzidos destacam-se diretrizes práticas, baseadas em evidências científicas, sobre como o setor da saúde teve de responder com eficácia ao que estava ocorrendo.

Além disso, após os colombianos terem começado a tomar as vacinas, a sociedade científica esforçou-se para desenvolver uma epidemiologia local com dados sobre os efeitos das vacinas e o seu impacto nas comunidades, assim como, com o apoio do Instituto Nacional da Saúde, uma epidemiologia molecular para viabilizar o diagnóstico em todo o país, para que os cientistas pudessem continuar a estudar e avaliar a doença e identificar variantes.

A NECESSIDADE DE AVANÇAR O TRATAMENTO NA NOVA ERA DA COVID-19

Além das vacinas, os especialistas alertam que os governos e a comunidade médica não podem baixar a guarda na área de tratamento da COVID-19, que continua a circular e mutar. Embora haja tratamentos disponíveis, que podem proteger as pessoas com alto risco de contraírem casos graves da doença da COVID-19, sobretudo aquelas com problemas subjacentes de saúde, os participantes das mesas redondas observaram que esses tratamentos continuam fora do alcance dos países de renda baixa e média em virtude de disparidades de acesso e confiança nesses medicamentos antivirais. É necessário promover esses tratamentos e informar os profissionais médicos e o público em geral sobre como podem ajudar a mitigar o risco da doença. Antes que os tratamentos possam ser acessíveis ao público, os governos precisam melhorar a pesquisa, tecnologia e transformação digital para aumentar a educação vacinal e mudar os paradigmas atuais sobre a COVID-19. Uma vez melhorada a educação vacinal, o enfoque deve passar para a construção de uma infraestrutura eficaz que permita a distribuição rápida do tratamento para pacientes de alto risco.

Além disso, é essencial continuar a pesquisar e desenvolver tratamentos que reduzam a reação inflamatória e desenvolver antivirais que ajudem o sistema imunológico a interromper a propagação do vírus no corpo e a combater a infecção. É necessário compreender melhor como a COVID-19 se comportará no futuro para mitigar os seus efeitos com eficácia, usando ferramentas de vigilância genômica e diagnósticos moleculares para rastrear mutações e variantes ativas. Além disso, para prevenir a propagação do vírus, é essencial identificar as populações de alto risco. Ainda há necessidade de mais aperfeiçoamento no rastreamento do vírus e no desenvolvimento de tratamentos antivirais para ajudar a minimizar os sintomas prolongados que afligem pacientes vulneráveis, que provavelmente sofrerão mais com o desenvolvimento futuro do vírus.

Finalmente, os participantes das mesas redondas discutiram a importância do reconhecimento precoce e do diagnóstico rápido da COVID-19 para prevenir a transmissão e oferecer cuidado e apoio tempestivos. É essencial reduzir o tempo desde o início dos sintomas até o diagnóstico e tratamento, com estratégias adequadas para aumentar as capacidades diagnósticas. Particularmente, há que se assegurar a disponibilidade ampla de testes de diagnóstico, ampliar a rede de laboratórios públicos e privados, assim como agilizar o desenvolvimento e a aprovação de testes diagnósticos.

Após três anos de pandemia, é natural que as autoridades, os profissionais e o público queiram voltar a algo parecido com a normalidade pré-pandêmica e dar atenção a uma série de problemas ignorados, ou até mesmo exacerbados, pela pandemia da COVID-19. Os participantes das mesas redondas deixaram claro que isso seria um erro. Em primeiro lugar, porque aprendemos muito e não podemos perder os conhecimentos adquiridos. Temos de captar essas lições e desenvolver sistemas de saúde mais robustos com base no que aprendemos. Em segundo lugar, não podemos ficar complacentes, pois a perda já foi muito elevada: milhões de vidas, bilhões de dólares e inúmeros males sociais. Não ousamos abandonar os regimes de vacina contra a COVID-19 nem o tratamento para aqueles que sofrem os seus efeitos. Pelo contrário, devemos continuar a integrar o que aprendemos, assim como as vacinas e os tratamentos que desenvolvemos, aos protocolos de saúde padrão desta nova era da COVID-19, empreendendo esforços não apenas melhorar o bem-estar dos cidadãos no presente, mas também para nos preparamos para os desafios imprevistos de saúde que certamente virão.



AS/COA

NEW YORK CITY

Americas Society/Council of the Americas

680 Park Avenue

New York, NY 10065

PHONE +1-212-249-8950 | FAX +1-212-249-5868

WASHINGTON, DC

Council of the Americas

Suite 250, 1615 L Street, NW

Washington, DC 20036

PHONE +1-202-659-8989 | FAX +1-202-659-7755

MIAMI

Americas Society/Council of the Americas

2655 LeJeune Road, 5th Floor

Coral Gables, FL 33134

PHONE +1-305-779-4816 | FAX +1-305-445-0148

AS/COA ONLINE | www.as-coa.org



[Facebook.com/ASCOA](https://www.facebook.com/ASCOA)



[@ASCOA](https://twitter.com/ASCOA)



[YouTube.com/ASCOAOnline](https://www.youtube.com/ASCOAOnline)



as-coa.org

A **Sociedade das Américas (AS)** é o principal fórum dedicado a educação, debate e diálogo nas Américas. A sua missão é promover uma compreensão das questões políticas, sociais e econômicas contemporâneas que confrontam a América Latina, o Caribe e o Canadá, bem como aumentar a conscientização e apreciação do público em relação ao patrimônio cultural diversificado das Américas e à importância das relações interamericanas.

O **Conselho das Américas (COA)** é a principal organização empresarial internacional, cujos membros assumem um compromisso comum com o desenvolvimento econômico e social, mercados abertos, o estado de direito e a democracia em todo o Hemisfério Ocidental. O Conselho é formado por empresas internacionais líderes que representam uma ampla gama de setores, inclusive serviços bancários e financeiros, consultoria, produtos de consumo, energia e mineração, indústria, mídia, tecnologia e transportes.

www.as-coa.org/ascoa-healthcare-series

Acompanhe a conversa no Twitter:

[#healthcareASCOA](https://twitter.com/ASCOA) | [@ASCOA](https://twitter.com/ASCOA)